

# José Cardoso Pires

## - "photomaton" do escritor

O JORNALISTA VISITOU JOSÉ CARDOSO PIRES NA CASA (E «OFICINA») DO ESCRITOR E TIROU DELE O INSTANTÂNEO (COM PERSPECTIVA) QUE AQUI APRESENTA AOS LEITORES D' o ponto

### ● ORLANDO RAIMUNDO

Casa do escritor em Lisboa: «oficina» num recanto isolado com janela para a Praça: a mesa onde trabalha, a cadeira onde se senta para escrever, um candeeiro articulado «luz do sol»; paredes repletas de livros, arrumados em estantes, suportadas por pequenos armários com manuscritos dentro, obras interrompidas à espera do juízo da distância; embelezamento de peças de artesanato de vários países; e a paz, uma grande paz envolvendo tudo.

Ele diz: - **O talento não é uma longa paciência; é um estado de espírito** - e eu registo no bloco-notas: trabalha na segunda versão de um novo romance (o primeiro após a Libertação e o fim da censura); tem outros originais ensaiados, romances interrompidos, uma terceira peça de teatro - a aguardar tempo oportuno de recriação.

Deita mais whisky nos nossos copos e confidência: - **Escrevo sempre com prazer, nunca sem prazer, o que não quer dizer que escreva contente. Escrever é ter a coragem de cortar, escreve-se mais cortando. Cada indivíduo tem as suas regras, a sua temperatura cultural. Eu sou um tanto anárquico a escrever, faço-o com pouco método. Escrevo devagar e, como não tenho comunicação com ninguém enquanto escrevo, quando escrevo vou cortando. Confio, sempre, na distância. Por**



«O talento não é uma longa paciência; é um estado de espírito»

**meses nas gavetas. Depois, torno a ler e refaço.**

'O Delfim', romance já em 9.ª edição, traduzido em doze países, objecto de teses de licenciatura em Faculdades de Letras portuguesas e brasileiras, adoptado ao cinema num projecto (adiado) de Sá Caetano, escreveu-o ele quatro vezes, até atingir a versão definitiva.

Explica: - **Para mim um livro só está concluído quando já nada tenho a dizer sobre isso, quando tudo está integrado no conjunto, quando ele atinge a unidade, assim como que uma esfera com um peso específico que se sustém por si própria.**

José Cardoso Pires, 55 anos, um dos raros escritores profissionais portugueses: um autor



José Cardoso Pires visto por Palha

que não gosta de falar dos seus projectos - **Diria «estou a escrever um romance» e esgotava tudo numa linha**; que não dá os seus originais a ler - **Nunca, excepto no primeiro livro que mostrei ao Redol**; que nunca bebe quando escreve - **Dantes escrevia mais de noite, agora mais de manhã**; que fuma 60 cigarros por dia - **O tabaco é o maior inimigo do escritor.**

Desfaz embrulhos, mostra-me primeiras versões de várias obras, uma das quais - provisoriamente intitulada «O Corvo Branco» - foi interrompida, em 1963, pelo brusco assassinio da figura que inspirava a ficção na qual também era vítima de homicídio, e não mais retomada.

Procuró descobrir mais. E

consgo saber que um dos projectos guardados trata o problema das mães solteiras. Ainda, que a personagem principal do romance que está a escrever é um agente da Polícia Judiciária.

Escuto-o durante horas: fala-me de Hemingway (que conheceu pessoalmente) e mostra-me uma intrigante foto do Prémio Nobel, senão a uma secretária com a foto de Salazar por cima, na parede: mistério que se desvenda entre risos: não havia simpatia do «mestre» pelo ditador; tão-só o registo fotográfico da assinatura que teve que fazer, no Consulado de Portugal em Madrid, em 1956, num pedido de visto de entrada em Portugal. Fala-me de Elio Vitorini, Cortazar, Gabriel Garcia Marquez: seus amigos. E também de Malcolm Lowry, Henry Miller, Cabrera Infante de **Três Tristes Tigres**: alguns dos escritores que mais admira. Ainda de literatura portuguesa, para referir os dois romances que considera mais importantes na recente produção: **As Casas Pardas** de Maria Velho da Costa e **Finisterra** de Carlos de Oliveira. Referência ainda (favorável) a **Memória de Elefante** de António Lobo Antunes. Recorda Aquilino Ribeiro e a história da formação da Sociedade Portuguesa de Escritores. Declara-se favorável aos prémios literários que não existem em Portugal.

Um aviso à navegação, a juntar ao **photomaton oficial**: do escritor sairá, muito brevemente, a 5.ª edição de **Jogos de Azar** e, talvez lá mais para diante, a 7.ª da **Cartilha do Marialva**.

E é (quase) tudo.